



GT 33. Enlaces e emaranhados: antropologia, etnografia e culturas populares

Coordenador(es):

Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Antonio Maurício Dias da Costa (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Sessão 1 - Cultura Popular: narrativas e interpretações

Debatedor/a: Renata de Sá Gonçalves (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 2 - Cultura, Folclore e Patrimônio

Debatedor/a: Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Debatedor/a: Antonio Maurício Dias da Costa (UFPA - Universidade Federal do Pará)

O grupo visa investigar diferentes construções discursivas nos estudos das culturas populares. Busca alargar nossa compreensão de tais estudos ao refletir sobre os enlaces e emaranhados existente entre literatos, antropólogos, estudiosos do folclore, promotores de festejos e de folguedos e demais agentes que ajudaram a um só tempo a conhecer novas realidades e a produzir visões mais ou menos canônicas a seu respeito. Desde os anos 1980, a experiência etnográfica reconfigurou-se na antropologia com a associação mais crítica da pesquisa de campo a sua resultante apresentação escrita. Questionaram-se hierarquias entre pesquisadores e sujeitos enfocados; reconheceram-se estratégias narrativas e recursos ficcionais nos textos produzidos. Com esse ponto de partida, enfocamos a presença da perspectiva etnográfica nos estudos antropológicos das culturas populares, problematizando seus enquadramentos conceituais - arcaísmo, primitivismo, sobrevivência; cooptação, resistência, resgate; dinâmica, circuito ou patrimônio culturais; conhecimentos e territórios tradicionais, entre outros. Por culturas populares entendemos um ambiente sociocultural heterogêneo com especificidades históricas, regionais, religiosas, étnico-raciais, no qual estão em jogo mediações, inovações e múltiplas redes de relação e trocas culturais, distintas formas rituais e expressivas. Trata-se, entretanto, de focar especialmente os registros documentais e a produção bibliográfica resultante de tais estudos.

Folclore e etnografia em Mário de Andrade

Autoria: Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Na fortuna crítica de Mário de Andrade, está bem estabelecida a relevância da categoria folclore que não só permite conectar vários aspectos de sua obra como emerge como um elemento mediador central na proposta de renovação da criação artística brasileira. A noção de folclore, entretanto, traz sempre junto consigo, de modo mais ou menos explícito, aquela de etnografia. Trata-se nesta proposta de analisar as variações no uso e nos sentidos das noções de folclore e de etnografia? um par de noções complementares que emergem com clareza naquilo que Eduardo Jardim (2015) denominou de "núcleo folclórico" na obra do autor. Em todo esse conjunto, a abordagem dos temas considerados populares recorreu a formas de pesquisa consideradas etnográficas. Sabemos como em especial a partir da segunda metade dos anos 1920, Andrade voltou-se de modo mais decidido para o tema do folclore e projetou reunir seus estudos resultantes do farto material documental obtido nas suas viagens de pesquisa à Amazônia (maio-agosto de 1927) ao Nordeste (novembro de 1928-março de 1929) nos vários volumes de uma série intitulada Na pancada do ganzá que não chegou a ser publicada em vida. No conjunto mais amplo dos works que se agregam em torno dessa aspiração (entre eles Danças dramáticas do Brasil, Os cocos, As melodias do boi e outras peças, Ensaio sobre música



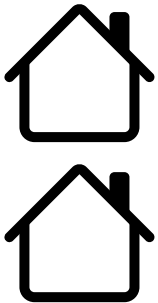
brasileira, Namoros com a medicina, os relatos do Turista Aprendiz e Vida de cantador), tomo por foco para comparação dois estudos: 1) Música de Feitiçaria, conferência elaborada para a Associação Brasileira de Música e publicado no volume 13 das obras completas editadas postumamente por Oneida Alvarenga; e 2) Samba rural paulista, publicado em 1937, na Revista do Arquivo Municipal, n. 41 e produzido no contexto das atividades da Sociedade de Etnografia e Folclore em estreita colaboração com Mario Wagner Vieira da Cunha. Esses dois textos evidenciam momentos paradigmáticos do trânsito da noção de etnografia de concepções evolucionistas ou difusionistas de folclore ? expressões da arte do povo recolhidas ?no gabinete? por meio da coleta de material obtido por diversos autores e colaboradores ? e concepções mais holísticas de cultura. Estas últimas chegam a seu ambiente intelectual modernista com o curso ministrado em 1936 por Dinah Levi-Strauss no Departamento Municipal de Cultura então dirigido por Andrade e valorizam a presença direta do pesquisador ?em campo?. Fidedignidade e autenticidade emergem como sintetizando dois regimes distintos de produção de conhecimento.



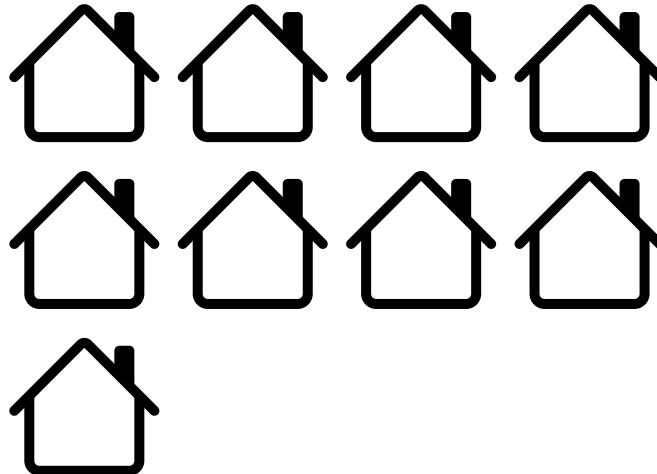
Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: